

RIO DE JANEIRO, RJ, 20 DE JULHO DE 1997

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro da República Portuguesa, António Guterres; Senhor Presidente Mário Soares; Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, Marcello Alencar; Senhora Presidente da Academia Brasileira de Letras, Acadêmica Nélide Piñon; Eminência Reverendíssima, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales; Senhores Chanceleres da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa; Senhor Presidente do Senado Federal, Senador Antonio Carlos Magalhães; Senhores Ministros de Estado; Senhor Presidente da Junta de Galícia, dom Manuel de Fraga; Senhoras e Senhores Acadêmicos; Senhoras e Senhores,

Não fosse eu Presidente da República, devendo, institucionalmente, me pronunciar nesta comemoração da Academia, eu me teria calado. Depois do que disse a Nélide Piñon, não cabe outra palavra. Realmente é com emoção que cumpro o meu dever e falo, mas pode ter certeza, Presidente Nélide Piñon, de que a sua conferência, aqui, marcou tão fortemente a todos nós, que o sinal de respeito seria o de voltar para as nossas casas ainda ouvindo os ecos de palavras tão fortes, tão corretas e, sobretudo, ditas de uma maneira que eu seria incapaz sequer de imitar.

Senhoras e Senhores, toda instituição, toda boa instituição tem algo de contraditório, estabelece um marco de continuidade, de tradição, de permanência em assuntos humanos, que são, pelo caráter histórico de nossa condição, sujeitos a constantes mudanças e transformações; estabelece uma referência universal compartilhada por indivíduos ou grupos que são diferentes e únicos em sua particularidade. Essa tensão viva, essa permanência e historicidade, entre o universal e o particular, como já foi aqui assinalado, notadamente pelo Primeiro Ministro Guterres, é o que faz a riqueza de uma instituição, é o que lhe dá o seu significado humano e a relevância de seu papel na história dos povos.

É essa riqueza e esse significado humano que desejo homenagear nesta celebração do primeiro centenário da Academia Brasileira de Letras. Um país só pode aspirar à grandeza se souber valorizar suas instituições, muito especialmente aquelas que, como é o caso desta Academia, são consagradas ao alargamento da cultura e à preservação do idioma, elementos centrais da nacionalidade.

Nesses cem anos, como é óbvio, o Brasil mudou, e mudou muito.

Nossa experiência republicana, que em 1897 era ainda jovem de poucos anos, amadureceu, conheceu percalços e consolidou-se na prática democrática, que hoje podemos considerar como uma conquista irreversível. Nossa economia, antes predominantemente agrícola, incorporou com êxito o desafio da industrialização, cresceu a taxas históricas altas, sofisticou-se e hoje está apta para um novo ciclo de desenvolvimento e uma nova inserção internacional. Nossa sociedade se transformou, tornou-se mais diversificada, mais urbana e recebeu o impacto das mudanças que marcaram tão profundamente nosso século, embora conservando, ao longo desses anos, uma hipoteca, ainda não resgatada, de justiça social, de exigência de maior equidade e melhores oportunidades para todos.

Muito poderíamos dizer e reiterar sobre essas mudanças, que sem dúvida fazem do Brasil de hoje um país muito diferente do de 1897.

No transcurso desse século de transformações, contudo, há também aquilo que permanece e que faz com que o país diferente de hoje seja, em um sentido muito importante, o mesmo Brasil.

Não poucas vezes os historiadores, sociólogos, escritores, enfim, todos os que se dedicam às coisas do espírito se fascinaram com essa capacidade que têm os povos de inovar, de arriscar-se em regiões antes desconhecidas, mantendo, ao mesmo tempo, a sua identidade e seu vínculo com a tradição. Essa fascinação é, talvez, ainda maior em um país com as dimensões e as diferenças regionais do nosso, onde a passagem do tempo poderia favorecer uma acentuação da diversidade, sobretudo em épocas que não contavam com a facilidade de transportes e de comunicações de que dispomos hoje.

A identidade de um povo, a marca própria que torna única e insubstituível a sua experiência coletiva está enraizada em seu idioma e nas formas mais enriquecedoras de sua utilização na cultura – formas que são tão apropriadamente designadas pela expressão “letras”, de enganosa simplicidade. A relação estreita com a cultura da língua portuguesa e com as nossas letras é o que faz o segredo da relevância desta Academia como instituição.

Porque a língua – em verdade, ela própria uma instituição, ou antes, a matriz fundamental de todas as instituições – revela, em seu modo de ser, um modelo mais acabado daquela dialética de mudança e permanência, de universalidade e particularidade. Como língua viva, responde, necessariamente, às mudanças de seu tempo, incorpora novas palavras, novos contornos de frase, novas formas de expressão, preservando, contudo, uma estrutura básica, que é, no sentido mais próprio do termo, tradicional, produto de uma transmissão de gerações anteriores.

Responde, também, e é bom que o faça, às peculiaridades regionais, adaptando-se a elas, sem perder a referência unificadora das normas que asseguram a comunicação.

A Academia Brasileira de Letras é, de certa forma, um símbolo desse processo cultural e institucional. Em sua permanência, que hoje celebramos, tem respondido, ela própria, às transformações do século, não somente no tratamento dos assuntos relativos a idioma, mas, também, em seus próprios procedimentos internos.

O fato de que seja hoje presidida por uma mulher – e uma mulher brilhante, como a nossa querida Nélide Piñon – é a melhor demonstra-

ção de que, ancorada em uma sólida tradição, esta é uma instituição viva, capaz de adaptar-se e melhorar com as lições do tempo, como devem fazer todas as boas instituições.

Em seu discurso de abertura, na sessão inaugural desta Academia, há exatamente cem anos, Machado de Assis, ao tomar posse como seu primeiro Presidente, mencionava a intenção de encontrar um equilíbrio entre estabilidade e progresso, como bem lembrou o Primeiro-Ministro Guterres, e de “conservar”, diz ele, “no meio da federação política a unidade literária”. Não por acaso o Primeiro-Ministro de Portugal e o Presidente do Brasil citam a mesma frase, porque ela tem uma força expressiva imensa, porque mostra a ligação íntima entre a língua e a unidade nacional, entre, pode-se assim dizer, a cidadania, a política e a cultura.

A federação era, naquele momento, uma novidade, um regime com o qual o País aprendia a conviver, redesenhando a sua identidade em contornos mais descentralizados, menos unitários que os do Segundo Reinado.

Hoje, a língua portuguesa continua a ser um fator crucial da unidade e da identidade nacional: identidade no espaço, que nos vincula de Roraima ao Rio Grande do Sul – lá eles dizem “Roráima”; eu digo “Rorâima”; essa a diferença que há entre o falar de São Paulo e o falar de Roraima; e de Fernando de Noronha ao Acre –, e identidade no tempo, que nos vincula não apenas a Machado de Assis e aos homens e mulheres de 1897, mas às raízes históricas que compartilhamos.

E a perspectiva histórica nos leva, forçosamente, a transcender os limites da geografia e da política. A identidade do idioma não é exclusivamente nacional: é de todos aqueles que, onde quer que estejam, são herdeiros dessa mesma tradição de fala e escrita.

A presença, aqui, do Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro de Portugal, meu amigo António Guterres, do sempre Presidente, do nosso coração, de Portugal e, simbolicamente, do Brasil, Mário Soares, e dos Excelentíssimos Chanceleres de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, de São Tomé e Príncipe demonstra isso de forma eloqüente. Mais do que isso: uma língua não perde a relação com as suas origens e com os parentescos que daí derivam, como ilustra a participa-

ção, nesta cerimônia, do Excelentíssimo Presidente da Junta de Galícia, que aqui tão espontaneamente, ao falar em galego, dava-nos a ilusão, a nós brasileiros, de que nós éramos, também, um pouquinho galegos.

Como Presidente da República, atribuo importância muito especial a tudo o que diz respeito à nossa língua. A construção e o fortalecimento da comunidade dos países de língua portuguesa – e é de justiça que se registre a contribuição essencial que deram, nesse sentido, os Presidentes acadêmico José Sarney e Itamar Franco – constituem aspecto importantíssimo da nossa política externa e de nossas relações com esses países amigos e irmãos, com os quais partilhamos um passado e, o que é igualmente importante, um futuro comum.

É imperativo que aprofundemos nosso intercâmbio cultural, que nos conheçamos mais e melhor. É dessa forma que fortaleceremos o patrimônio que é de todos nós.

O cenário internacional de nossos dias fornece razões adicionais para isso. Vivemos um momento que se caracteriza pelo contato cada vez mais freqüente e mais próximo entre os países. Ao facilitarem a comunicação, ao tornarem mais barato e mais acessível o transporte em longas distâncias, as inovações tecnológicas abreviaram distâncias, aproximaram diferentes espaços lingüísticos, estabeleceram pontes entre as diferentes culturas. A intensificação da globalização econômica contribui para isso, acentuando os liames de interdependência – mais do que entre os países – entre as sociedades.

Tudo isso são desafios da língua portuguesa. Como tenho afirmado em distintas ocasiões, a globalização não significa, e não pode significar, homogeneização. Ao contrário: a cultura assume, mais do que em qualquer momento do passado, a sua condição de elemento essencial para a vida dos países, a sua condição de filtro no qual se refratam necessariamente os símbolos e as percepções, na perspectiva própria e única de cada povo, de cada língua, de cada parentesco cultural.

Abri-mo-nos à globalização porque vemos, na relação com o mundo exterior, não uma ameaça, mas um conjunto de oportunidades. Abri-mo-nos porque sabemos que o sentido histórico desse processo não é, nem poderia ser, o de formar um pensamento único, expresso em um

único idioma. Ao contrário, quanto mais se intensifica o intercâmbio entre as nações, mais ganha em importância a cor local, a especificidade das culturas.

Para os que lidam com a literatura e com o mundo das letras, esse não é um conceito novo. Encontrar a universalidade mediante um mergulho na realidade única de uma experiência singular é o habitual. Para nós, seria falsa uma modernidade que não extraísse suas energias das camadas mais autênticas da alma brasileira e que não falasse, ainda que com idéias novíssimas, o bom português.

O Brasil é um país que foi capaz de criar, a partir do encontro de diferentes culturas, uma forma própria de civilização, de convivência social. Por vezes, alguns entre nós são lentos em reconhecer o valor dessa realização, que dá sentido à nossa trajetória como nação. Em certos casos, temos que tornar o Brasil mais popular dentro do nosso próprio território e para os próprios brasileiros.

A celebração do quinto centenário do Descobrimento nos dará uma oportunidade extraordinária para refletir sobre a formação dessa civilização propriamente brasileira, de que nos falaram muitos dos que ocuparam as cadeiras desta Academia, entre os quais meu saudoso amigo Darcy Ribeiro.

Ingressaremos no novo milênio nas condições favoráveis de um país que reencontrou o seu orgulho, o seu otimismo e é capaz de enfrentar, de forma aberta, os seus problemas.

Essa circunstância dá nova atualidade ao objetivo de valorização da língua portuguesa. Quero mencionar dois ângulos distintos desse objetivo, que oferecem razões ainda mais fortes para justificar a sua importância.

Em primeiro lugar, o uso do idioma, o bom uso do idioma é elemento que, muitas vezes, pode ser decisivo para a delimitação das oportunidades que se abrem a cada um em sua vida, como trabalhador ou como empresário. O acesso ao conhecimento da língua é fator essencial de justiça social, de igualdade de oportunidades no trabalho e na vida econômica. Para isso, a educação, e muito particularmente o ensino primário, tem um significado que seria impossível exagerar.

Cada passo que dermos para a melhora das condições do ensino do português às nossas crianças, a todas as nossas crianças, será, além de tudo, um passo dado na direção de maior justiça e equidade.

Por outro lado, a própria prática da democracia está estreitamente associada ao uso do idioma. A vida política democrática é, sobretudo, um exercício do diálogo, de convencimento recíproco entre cidadãos livres. Nossa língua é o instrumento mais básico desse exercício, e o acesso ao seu conhecimento, verbal e escrito, nunca deixará de ser importante para que a cidadania se realize de forma plena. Todo o esforço que fizermos pelo ensino da língua portuguesa será também um esforço para o fortalecimento das bases do nosso republicanismo.

Tudo isso, Senhora Presidente, evidencia a atualidade do papel da Academia Brasileira de Letras.

Fiz questão de aceitar o honroso convite para comparecer a esta cerimônia, porque desejava manifestar-lhes o meu reconhecimento pela importância do trabalho da Academia e de seus membros, assim com a prioridade que atribuo aos temas relativos à educação.

Apresento-lhes, assim, à Senhora Presidente e aos senhores membros da Academia, os meus cumprimentos mais sinceros nesta data, que não é só da Academia, mas de todo o Brasil, e a expectativa de que esta instituição continue a ser a influência serena e positiva que tem sido na preservação e no fortalecimento da nossa cultura.

Muito obrigado.

